

O SUFIXO –ETE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (LE SUFFIXE –ETTE DANS LE PORTUGAIS BRÉSILIEU CONTEMPORAIN)

Ieda Maria Alves
Universidade de São Paulo

RESUMO: Esse trabalho busca analisar o emprego do sufixo *–ete* no português brasileiro contemporâneo, estudado em um *corpus* jornalístico de unidades lexicais neológicas. A análise do *corpus* mostra que o sufixo se junta a bases nominais, sobretudo de caráter substantival. Forma alguns neologismos com o valor semântico de pequenez, mas se sufixa sobretudo a bases substantivais denotadoras de nomes próprios para designar dançarinas que dançam em torno de um artista ou jovens que gravitam de maneira animada em torno de um político ou de um jogador de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: sufixo *–ete*, derivação sufixal, neologia, neologismo.

RÉSUMÉ: Ce travail cherche à analyser l’emploi du suffixe *–ete* dans le portugais brésilien contemporain, au moyen d’un corpus journalistique d’unités lexicales néologiques. L’analyse du corpus montre que le suffixe s’associe surtout à une base nominale. Il dérive quelques néologismes ayant la valeur sémantique de petitesse, mais il s’associe surtout à une base qui dénote un nom propre pour désigner des danseuses qui dansent autour d’un artiste ou des jeunes filles qui entourent un homme politique ou un joueur de football.

MOTS-CLÉ: suffixe *–ete*, dérivation suffixale, néologie, néologisme.

0. Introdução

O sufixo intensivo *–ete*, indicativo de diminuição, refere-se também, segundo Houaiss e Villar (2001), a “diminutivos afetivos,

diminutivos designativos de outra coisa que a normal” (em meio aos quais avultam galicismos, alguns italianismos e mesmo espanholismos, além de outras orig. que, por convergência fonética, assumem uma daquelas funções), representados por palavras já do sXV em diante”. Os dicionaristas citam vários exemplos de formações com o sufixo, a exemplo de *angulete, atrevidete, bacharelete, bacinete, bandejete, balancete, banquete, baronete, barrete, bastonete, bobinete, bordalete, bosquete, bracelete, briquete, canaleta, capacete, cavalete, chapelete, chefete, chumacete, colchete, colete, corpete, corsalete, diabrete, dragonete, estilete, falconete, falsete, farolete, ferrete, fidalguete, filete, florete, foguete, joanete, leãozete, lembrete, livrete, magrete, mandarinete, mandolinete, mantelete, marchete, martete, minuete, molinete, motete, murete, palacete, papelete, pilarete, pistolete, pobrete, rabanete, ramalhete, rapazete, reizete, robalete, romancete, sabonete, soquete, sorvete, sovaquete, tamborete, tamborilete, topete, torniquete, vagonete, verbete, versalete, zangalete.*

Houaiss e Villar também mencionam a forma *-ete* como terminação, que transparece desde a origem da língua portuguesa nos numerais *sete, dezessete/dezassete* e, do século XVI em diante, em palavras como *alfitete, canivete* e, a partir do século XIX quase que exclusivamente em estrangeirismos, galicismos ou anglicismos. De origem francesa são citados *anisete, brochete, caminhonete, carpete, casquete, cassete, cassetete, charrete, claquete, coquete, cotonete, croquete, egrete, garçonete, grisete, lanchonete, manchete, maquete, marionete, marquise, moquete, omelete, patinete, pierrete, plaquete, raquete, soquete, tablete, toaleta, vedete*; de origem inglesa: *basquete, chiclete, escrete, gilete, ninfete, ofsete*; de origem italiana: *confete, espaguete*. Observam, ainda, que o emprego ou do sufixo ou da terminação parece estar associado a um sentimento de exotismo “quando se busca associar o modernoso com certo picaresco: *chacrete, jambete, tiete* etc.; ou quando se busca dar atrativo comercial publicitário ao produto: *quitinete, colchonete, cotonete, sofanete*”.

No *Novo dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Cunha (1982), vemos que *-ete* tem origem no latim *-itta*, *-ittum*, com provável influência do francês *-et* (fem. *-ette*).

Na *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara (1999: 362), *-ete* é listado entre os sufixos diminutivos *-eta* e *-eto* e são apresentados os exemplos: *saleta*, *diabrete*, *livreto*, *saberete*. Cunha e Cintra (1985: 92) analisam *-ete* ao lado de *-eto*, *-(z)ito*, e *-ote*. Consideram *-ete* e *-ote* como provavelmente originários do francês, mas aparecendo contemporaneamente em formações genuinamente portuguesas, como *artiguete*, *lembrete*, *meninote*, *velhote*.

Na língua francesa, o sufixo *-ette*, também originário do sufixo latino diminutivo *-ittum*, *-ittam*, forma vários derivados que exprimem a pequenez, por vezes com valor pejorativo, laudatório ou hipocorístico. Forma derivados com base substantival, a exemplo de *cuisinette*, *égliseette*, *muraillette*, *losangette*, *riviérette*, que indicam “cozinha, igreja, muralha, losango, riacho de pequeno tamanho”; forma também diminutivos que podem implicar pejoratividade, a exemplo de *chroniquette*, *réformette*, *religionnette*: “crônica, reforma e religião sem profundidade”; e hipocorísticos de caráter melhorativo: *demoiselette*, *garçonnette* e *gorgette*, que indicam “senhorita, menina e garganta pequenas, mimosas”. Forma também derivados com bases próprias, designativas de nomes de pessoas do sexo feminino, sem valoração diminutiva: *Claudette*, *Francette*, *Juliette*, *Mariette*, *Rosette*. Com bases adjetivais, o sufixo *-ette* expressa um valor menor, eufemístico, visível em *pauvret*: “um pouco pobre”. Ainda com bases adjetivais, o sufixo é susceptível de denotar um valor enfático, superlativo: *jeunette*, “relativo a alguém que é muito jovem”. A base para a formação de palavras em *-ette* pode também ser verbal e, nesses casos, a unidade lexical designa o sujeito da ação, o lugar onde ela se desenvolve, o objeto da ação, a exemplo de *allumette* (que acende), *cachette* (onde se esconde).

Neste trabalho, analisamos alguns empregos do sufixo *-ete*, estudando as bases a que se associa e os sentidos que apresenta. Estudamos apenas os casos em que observamos uma derivação, deixando de lado formações em que há uma terminação análoga ao

sufixo, resultante de uma adaptação ao português de uma unidade lexical de origem francesa (*toalete, vedete*), inglesa (*basquete, chiclete*) ou italiana (*confete, espaguete*).

1. Corpus de estudo

Estudamos o sufixo *-ete* no âmbito do projeto *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, que se integra a um projeto mais amplo, o projeto *Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* (TermNeo), criado em 1988, que tem como finalidade a coleta, a análise e a difusão de aspectos da neologia geral e da neologia técnico-científica do português brasileiro contemporâneo.

A *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* cumpre o objetivo geral de coletar e analisar a neologia do português contemporâneo do Brasil observada em um *corpus* jornalístico, fornecendo subsídios para o estudo da evolução do léxico português em sua variante brasileira. Além desse objetivo geral, a *Base* procura contribuir para a constituição de um *corpus* para a elaboração de dissertações e teses e de dicionários do português brasileiro (dicionários de neologismos, de estrangeirismos, da língua geral...).

A *Base* é alimentada por materiais jornalísticos constituídos pelos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Globo* (G) e pelas revistas *IstoÉ* (IE) e *Veja* (V), analisados a partir de janeiro de 1993, inicialmente segundo um sistema de amostragem (um veículo por semana): jornal *O Globo* – primeiro domingo do mês; revista *IstoÉ* – segunda semana do mês; jornal *Folha de S. Paulo* - terceiro domingo do mês; revista *Veja* - quarta semana do mês. A partir de 2001, a utilização de uma metodologia de extração semi-automática dos neologismos tem possibilitado a análise de um *corpus* maior: todos os números das revistas semanais *Época* (E), *IstoÉ* e *Veja* e dois números semanais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* (ESP), este último a partir de janeiro de 2008.

A determinação do caráter neológico das unidades lexicais foi, inicialmente, caracterizada pelo filtro lexicográfico, ou seja, era considerada neológica a palavra não inserida em um conjunto de dicionários de língua que atuavam como *corpus de exclusão*. Esse *corpus* de exclusão, que servia de parâmetro para a determinação do cunho neológico dos candidatos a neologismos, era constituído pelos dicionários Ferreira (1986 e 1999), Michaelis (1998) e pelas edições dos vocabulários ortográficos publicados pela Academia Brasileira de Letras (1981, 1998 e 1999). Os dados coletados a partir de janeiro de 2001 já podem beneficiar-se de um *corpus* de exclusão muito mais amplo, constituído de léxicos informatizados desenvolvidos por pesquisadores do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da USP de São Carlos, Sandra Maria Aluísio e Thiago Alexandre Salgueiro Pardo. Esses léxicos são complementados por um filtro lexicográfico constituído pelo *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Houaiss e Villar (2001), e pelas últimas edições do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2004 e 2009).

2. O emprego do sufixo -ete

O sufixo *-ete* não deriva um número elevado de formações, segundo os dados da *Base*, representando cerca de 1,5% das ocorrências formadas com sufixos. No âmbito do *corpus* estudado, dentre os sufixos costumeiramente listados com *-ete* nas gramáticas do português, o sufixo *-eto* apresenta o derivado *ninfeto* e *-eta* deriva alguns substantivos: *brizoleta*, *caralheta*, *croniqueta*, *filipeta*, *sacaneta*.

Relativamente às classes de palavras a que se associa, o sufixo integra-se a bases nominais, especialmente a substantivos, e, mais raramente, a adjetivos. Forma, sobretudo, neologismos de caráter substantival.

Os substantivos formados com *-ete* designam peças pequenas do vestuário feminino, como *combinete*, um “tipo de vestidinho rodado”, e *calçonete*, uma “calcinha com cinta-liga” que remetem a

combinação, “roupa íntima feminina que, numa só peça, faz as vezes de saia e de corpinho” (cf. Houaiss), hoje desusada, e a calção, respectivamente:

A <combinete> é um tipo de vestidinho rodado para usar por baixo da blusa e a <calçonete> é uma calcinha com cinta-liga. (FSP, 03-07-94)

A designação com *-ete* de outra peça do vestuário feminino, a *sunguete*, representa um derivado do substantivo sunga e denota a “versão feminina da sunga, peça do vestuário masculino”:

As calcinhas têm laterais mais largas - alguns modelos vêm com uma versão feminina da sunga, a <sunguete>, ou com um mini-short de cintura baixa, justinho na coxa. (V, 17-01-01)

O *corpus* atesta também o emprego de *cigarette*, unidade lexical francesa que designa “cigarro fino” e, por analogia com a calça comprida bem justa, passa a denominar também essa peça do vestuário feminino (cf. idicionário Aulete):

Saias em musseline vagam e interferem na conhecida dupla pull e <cigarrete>, tricô e lã. (FSP, 18-04-93)

O sufixo também forma substantivos neológicos em que a intensidade diminutiva pode ser acrescida de uma certa pejoratividade, segundo o contexto em que é empregado. Nesses casos, o sufixo apresenta timbre fechado /e/ na primeira vogal, ao contrário das outras acepções em que o timbre dessa vogal é aberto. Exemplos dessas formações recentes que traduzem um tamanho reduzido são *filmete*, derivado já dicionarizado (cf. Houaiss) que forma o termo sintagmático *filmete publicitário*, e *programete*, que contextualizamos:

E já a partir do dia 13 de maio passa a exibir dois boletins diários sobre a competição sempre de segunda a sábado. Os <programetes> abordarão a história dos

jogos, participantes, entre outras curiosidades. (G, 05-05-96)

É o público quem escolhe quais <programetes> deseja que tenham continuação. V, 28-03-07)

De modo geral, os sufixos denotadores de intensidade decrescente não expressam a pequenez de maneira neutra. A neutralidade na expressão do que é pequeno é, cada vez mais, manifestada pelos prefixos que denotam o mesmo valor semântico. Desse modo, possivelmente por causa da neutralidade que expressam, os prefixos denotadores de pequenez, como *mini-*, *micro-* e, mais recentemente *nano-* formam derivados em número cada vez maior, em detrimento da formação com sufixos. De acordo com os dados da *Base*, os derivados com *mini-*, *micro-* e *nano-* representam, respectivamente, 4%, 3% e 2% dos derivados prefixais.

Os dados jornalísticos analisados atestam que a maior parte das formações com *-ete* têm como base um substantivo que denota um personagem conhecido (artista de televisão, político, atleta), um estilo de vida ou uma marca que, em um determinado momento, está na moda. Essa acepção já é atestada há algumas décadas com *chacrete*, “dançarina dos programas televisivos do apresentador Abelardo Barbosa, o Chacrinha, também chamado de *O velho Guerreiro*”, neologismo citado por Carvalho em 1983. De nosso *corpus* de análise citamos o derivado prefixal *ex-chacrete*, formado com o prefixo *-ex*:

Outra que revira as muitas e saborosas lembranças neste momento, compondo uma obra que pode dar o que falar, é a <ex-chacrete> Rita Cadillac, ainda em plena atividade com shows em clubes e locais menos visitados (é, oficialmente, a madrinha do Carandiru, o megapresídio de São Paulo). (V, 14-03-01)

Outras atestações com *-ete* datadas da década de 80 são as *elisetes* (FSP, 04-11-82), as “moças uniformizadas que faziam

propaganda do candidato mineiro Eliseu Resende nas eleições de 1982” (Alves, 1983: 43), as *malufetes*, que faziam propaganda do político paulista Paulo Maluf, e as *xuxetes*, as dançarinas da apresentadora Xuxa Meneghel (Alves, 2007: 38-39):

A ocasião ideal, segundo ele, apareceu com o convite ao coquetel no Nacional, onde <malufetes> e cabos eleitorais se confraternizaram com homens de terno /.../ (ESP, 06-11-86)

"Ano que vem eu desfilo", disse Xuxa, "mas tem que ser no chão, sambando mesmo, como a Luma." A apresentadora ficou empolgada com as <xuxetes> que abriram o desfile da Mocidade Independente, no dia anterior, /.../ (V, 24-02-88)

Do *corpus* estudado, extraímos os substantivos *guguzete* e *faustete*, que, à maneira das chacretes, dançam, respectivamente, nos programas televisivos dos apresentadores Gugu Liberato, o Gugu, e Fausto Silva, o Faustão:

Foi-se o tempo em que dançarinas de televisão, como Rita Cadillac, a <chacrete> do Velho Guerreiro (veja quadro ao lado), eram consideradas personalidades televisivas e ganhavam um bom dinheiro fazendo shows pelo interior. Ninguém sabe, nos dias de hoje, o nome das <"guguzetes"> e <"faustetes">. (V, 28-07-99)

A referência ao apresentador Chacrinha reaparece em outro contexto, que ressalta o pioneirismo do apresentador e de suas chacretes. O trecho também mostra que o sufixo *-ete*, empregado para designar as *falconetes* do cantor Falcão, sofre a concorrência do sufixo *-inho*, empregado para designar as dançarinas do apresentador Sérgio Mallandro, as *mallandrinhas*:

Chacrinha, aliás, é outro apresentador copiado até hoje. Se Mallandro terá <"mallandrinhas">, Falcão já exhibe suas <"falconetes">. (FSP, 27-09-98)

Uma denominação geral para nomear a atividade das dançarinas, que também podem promover produtos, é a unidade lexical *merchandete*. A base inglesa que significa “comércio, negócio”, atua de maneira genérica, sem aplicar-se a um determinado apresentador:

Diocrécia é assistida ainda por <merchandetes>: moças que se exibem ao lado de animadores de diferentes emissoras, para anunciar um produto. A mais conhecida dessas profissionais é Celeste Zeminian, de 35 anos. Ela ficou famosa em 1992, quando Silvio Santos se separou por algum tempo de Íris Abravanel e resolveu embarcar num cruzeiro com Celeste. “Silvio foi um grande amigo. Aprendi muito sobre vendas com ele”, diz a <supermerchandete>. Celeste participa diariamente de programas de quatro emissoras. (V, 20-06-01)

Outro neologismo constituído com *-ete* refere-se também ao mundo dos espetáculos. Trata-se de *latinete*, as dançarinas que dançam nas apresentações do cantor Latino:

Vários sucessos desse estilo musical aparecem pela primeira vez em *Furacão 2000*, como o cantor Latino e suas <"latinetes">, hoje entre os maiores vendedores de discos no país. (V, 27-09-95)

O mundo do futebol também tem recorrido a formações com o sufixo *-ete*. Quando presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah tentou introduzir, no Campeonato Paulista, a presença de *cheerleaders*, as americanas animadoras de torcida. Essas animadoras brasileiras passaram a chamar-se *farahzetes*:

Na festa de encerramento do Paulista, que acontece na terça, no Olímpia, as principais atrações não serão os jogadores de futebol, mas as <"Farahzetes">. Haverá concurso para eleger a "Miss Paulistão" e um show com o cantor Leonardo. (FSP, 18-06-00)

Personagens do futebol brasileiro também têm suas admiradoras denominadas com o sufixo *-ete*. Diferentemente de *chacrete*, *faustete*, *guguzete*, *latinete* e *xuxete*, o neologismo criado não denomina as dançarinas que acompanham um artista; ao contrário, referem-se às fãs e admiradoras do jogador de futebol Ricardo Izecson dos Santos Leite, o Kaká, denominadas de *kakazetes*:

Ele se casou com a estudante Caroline Celico, em dezembro de 2005 - para desespero das <kakazetes> que cercaram a igreja do Cambuci, em São Paulo, para ver o noivo. (E, 09-06-06)

Aficionadas do *skate*, cuja prática exige equilíbrio sobre uma prancha estreita, também são denominadas com o emprego do sufixo *-ete*. São as *skatetes*, que se exibem fora e dentro das pistas desse esporte:

Antes de tudo, favor não confundi-las com as <skatetes> (pronuncia-se esquetitês), que são as meninas que vão para as pistas só para fazer pose e paquerar os skatistas. Não que as skate girls não gostem dos skatistas, muito pelo contrário. (G, 02-11-97)

Políticos e tendências políticas também atuam como bases para a formação de unidades lexicais neológicas com *-ete*. O político português Pedro Santana Lopes cerca-se de *santanetes*, conforme lemos no contexto a seguir:

O novo primeiro ministro de Portugal, Pedro Santana Lopes, 48, não é conhecido em seu país só pelos polêmicos 25 anos na política. Ele tem na bagagem um currículo eclético: bom amante da noite lisboeta - sempre cercado por mulheres, geralmente loiras arrumadíssimas, chamadas de <santanetes> -, já foi presidente de time de futebol, comentarista esportivo e participante de concurso em shows da TV. (FSP, 08-08-04)

Outra formação ligada à política é *oligarquete*, referente à nova oligarquia russa, que designa “mulheres e filhas de políticos e bilionários da Rússia, posterior ao comunismo, que se tornam célebres no novo momento político do país”:

Existe até um neologismo, <"oligarquetes">, para designar as beldades eslavas que pontificam no mundo das artes, atual depositário preferencial de seus rublos, ou simplesmente fazem pose. (V, 19-12-07)

O sufixo *-ete* implica também um estilo de vida. Com esse sentido, associa-se à base substantival *moda* e forma *modete*, a “que segue as tendências da moda”, e, a partir da base adjetival *moderno* deriva o substantivo *modernete*, “que designa uma pessoa que busca o que é moderno, novo”:

Mais do que por suas opiniões apressadas, La Paglia surpreendeu pela maneira como foi recebida por artistas, socialites e <modetes>, que a cortejaram em jantares chiques em que houve até dança da garrafa. (V, 29-05-96)

A italiana Marni, grife de <modernetes>, tem nas lojas de Milão e Londres cabideiros que parecem saídos de uma nave espacial – onde, excepcionalmente, aparecem muitas roupinhas penduradas. (V, 09-05-01)

Outras formações que também denotam um estilo de vida podem ter como base uma unidade lexical com traços pejorativos, o que imprime ao neologismo criado também esse traço. Exemplificamos com *peruete*, cuja base é *perua*, palavra definida por Houaiss e Villar (2001) como “mulher que se dá ares de elegante, mas que se veste espalhafatosamente”:

Não existem mais marginais no Brasil. Os traficantes da Rocinha e do Dona Marta, os colegas de cela de Leonardo Pareja, os anões do orçamento e as <peruetes> que "trabalhavam" com Rosane Collor na LBA, /.../ - a

lista é longa - estão todos, senão na legalidade, na normalidade. (FSP, 21-04-96)

A busca de um estilo de vida elegante por meio do consumo de roupas de marca ou vendidas em lojas elegantes ensejou a criação da unidade lexical *dasluzete*, uma vendedora da elegante loja Daslu:

Já Sebastian Arietti, o Sebá, vocalista do Inimigos da HP, circula com uma <"dasluzete"> – é assim que são conhecidas as vendedoras da Daslu, a butique paulistana que virou símbolo do alto consumo e que arregimenta suas funcionárias no seio das famílias abastadas. (V, 13-07-05)

Está explicado que a Daslu criou um estilo de ser (a <dasluzete>), mas não diz que os donos da empresa foram denunciados pelo Ministério Público por sonegação fiscal, entre outros crimes. (E, 29-01-07)

Com direito a festa de boas-vindas amanhã, as novas <dasluzetes> prometem renovar os ares da butique de Eliana Tranchesi, a Daslu. (FSP, 18-10-10)

Criado por analogia a *dasluzete*, o neologismo *daspuzete* representa as prostitutas que fundaram a grife Daspu, forma acronímica de Das Putas:

Uma das <"daspusetes"> que vieram do Rio era Valquíria, a Val, de 22 anos, que dobra a profissão de prostituta com a de faxineira. (V, 19-04-06)

O substantivo próprio Globo, designativo da Rede Globo de Televisão, também forma derivados, os / as *globetes*, os artistas que atuam na Rede Globo⁴⁰:

⁴⁰ A palavra também designa, segundo a Wikipedia, uma câmera portátil: *Outras novidades que a TV Globo Rio de Janeiro trouxe para o país foram as primeiras câmeras "gruas" que na época eram utilizadas no auditório da emissora e faziam movimentos em pleno ar, presas por uma sanfona às paredes, sob uma plataforma onde os operadores ficavam sentados e também as câmeras de externa*

Arrefeci na semana passada: estupefato, vejo alguém, sob o nome daquele cronista, dedicado a dissecar as entranhas de uma <globete> decadente e desinteressante e de seus anônimos e igualmente desinteressantes associados. (V, 13-04-05)

Também é observada uma derivação com *-ete* a partir de uma base adjetival. Trata-se da formação do adjetivo *maluquete*, “um pouco maluco”, de cunho pejorativo por causa do significado já pejorativo da base maluco:

Inteligente, ela sabe como disfarçar. Mas acumula ódio e muita vergonha pela submissão dupla a que é obrigada a viver e só começa a desabrochar quando cruza no seu caminho a <maluquete> Jeanne. (IE, 17-04-96)

3.Considerações finais

Neste breve estudo, apresentamos o comportamento sintático e semântico do sufixo português *-ete*, que sofre provável influência do sufixo francês *-et*, *-ette*, ambos originários do sufixo latino *-itta*, *-ittum*.

Observamos, segundo o *corpus* estudado, que *-ete* se sufixa a nomes, especialmente a substantivos, ao contrário do francês *-et*, *-ette*, que também se junta a bases verbais. Alguns desses substantivos apresentam, por razões eufônicas, uma consoante de ligação entre a base e o sufixo: *guguzete*, *dasluzete*, *daspusete*, *farahzete*, *kakazete*.

Do ponto de vista semântico, além do sentido de “pequenez”, por vezes pejorativo e também encontrado no sufixo francês, *-ete* deriva, sobretudo, substantivos com bases próprias para denotar dançarinas que dançam em torno de um artista ou que, à maneira das *cheerleaders* americanas, gravitam de maneira animada em torno de um político, de um jogador de futebol, de uma marca da moda.

portáteis, que funcionavam no ombro do operador, apelidadas no Brasil de "globetes".

Embora não muito empregado, o sufixo mostra-se produtivo no português brasileiro contemporâneo, derivando não apenas novas formações mas também criando um novo significado, não atestado nas formações do sufixo francês *-et, -ette*.

3. REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia, 1998.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1999.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2004.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2009.
- ALVES, I. M. A terminologia política no período pré-eleitoral. *Alfa*, 27: 39-46, 1983.
- ALVES, I. M. *Neologismo. Criação lexical*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007. 1 ed. 1990
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CARVALHO, N. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Recife: Secretaria da Educação de Pernambuco / Associação de Imprensa de Pernambuco, 1983.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
CUNHA, A. G. *Novo dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1 ed. 1975
FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Referências eletrônicas

dicionário Aulete. Lexikon Editora Digital. http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital
TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISE. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>. Acesso em 22.mar.2011.
http://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Globo_Rio_de_Janeiro. Acesso em 24.mar.2011.